

O Grupo de Pesquisa UERJ-CNPq entrevista a escritora Vera Duarte

Vera Duarte Pina (Mindelo, ilha de São Vicente, 1952) é escritora premiada e pioneira, autora de autoras de poesias: *Amanhã amadruçada*, 1993; *O arquipélago da Paixão*, 2001; *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*, 2005; *Exercícios poéticos*, 2010; *De riso e lágrimas*, 2018; romances: *A candidata*, 2005; *Reflexões sobre os Direitos Humanos: Construindo a Utopia*, 2008; *A matriarca, uma estória de mestiçagens*, 2017, *A Vênus Crioula* (2021).; crônica: *As palavras e os dias*, 2013, e *Cabo Verde, um roteiro sentimental viajando pelas ilhas de Sodad, do Sol e da Morabeza* (2019), com Suzana Duarte; contos: *Contos crepusculares: metamorfoses* (2020), *Desassossegos & Acalantos: microcontos* (2021). Formada em Direito pela Universidade de Lisboa (a primeira magistrada em Cabo Verde), desempenhou várias funções nas ilhas como desembargadora, ministra (para citar alguns cargos) e é detentora de muitos prêmios, como o atribuído pela Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), o Norte-Sul dos Direitos Humanos do Conselho de Europa. Teve seus textos traduzidos em alemão, árabe, espanhol, francês, holandês, inglês, sueco (além de originais em língua cabo-verdiana e língua portuguesa), alguns foram musicados e objeto de diálogo com jovens poetas de Cabo Verde e do Brasil.

1.

GP: No seu livro *A matriarca* a personagem Ester é descrita como forte e inteligente, de fato ela se destaca por possuir voz na narrativa sendo apresentada ao leitor logo no início do livro. Na obra *Gabriela cravo e canela*, de Jorge Amado, a personagem Gabriela é descrita pelo narrador e pelos outros personagens masculinos com características mais físicas. Como escritora, você considera ser um diferencial importante as personagens femininas serem criadas e contadas por uma mulher? Outra pergunta complementar: Você teve alguma inspiração especial para criar *A matriarca*?

VD: Não Só considero fundamental como acho natural que as personagens femininas criadas por mulheres tenham um diferencial. Durante muito tempo as instâncias literárias estiveram pejadas das mais diversas descrições de mulheres, mas só no aspecto físico e comportamental, salvo honrosas exceções. Por todos daria o exemplo das notáveis descrições de mulheres que Manuel Lopes apresenta nas suas obras.

Eu ousaria dizer que o retrato de uma personagem pode ter três níveis de elaboração, sendo o primeiro a descrição física, o segundo o nível comportamental e o terceiro o nível interior apossando-se o narrador dos sentimentos, emoções, pensamentos e até da própria alma da personagem. Os escritores homens no que tange às personagens femininas têm-se ficado normalmente pelos dois primeiros níveis. É com a chegada massiva das mulheres à escrita que temos o terceiro nível a ser trazido para as páginas dos livros, fazendo delas verdadeiras protagonistas e não apenas coadjuvantes dos personagens masculinos

A protagonista que crio em literatura é daquelas que gritam: - escravidão nunca mais, colonialismo nunca mais, racismo nunca mais! Este nunca mais se estende a todas as discriminações que têm origem no gênero, raça ou classe e todas as tradições degradantes como a mutilação genital feminina, que ainda causam profundo sofrimento as mulheres.

A literatura está prenhe de mulheres vítimas. Eu quero com a minha escrita ajudar no advento de uma outra mulher, não mais vítima, não mais um ser inferior, não mais subjugada. Por isso construo protagonistas femininas que são a bandeira desfraldada na luta pela emancipação e pelo o empoderamento das mulheres.

Diria que fui buscar um pouco na figura da minha mãe que, tem origem judaica, e todos sabemos como a mulher sempre ocupou um lugar de relevo na cultura judaica, para construir a matriarca. Socorri-me muito da minha própria família e até da minha experiência para construir os demais personagens. Mas apesar de a matriarca não a protagonista da obra, ela é na sua geração uma mulher forte apesar de viver nos limites da esfera doméstica. É a sua filha Ester a protagonista que se apresenta como uma mulher dos nossos dias, forte inteligente e lutadora, à procura da liberdade e da felicidade.

2.

GP: Ser jurista e escritora fizeram parte do seu sonho de infância?

VD: Sempre! A minha mãe disse-me que eu fui uma menina algo especial porque nasci com a cabeça envolta no saco amniótico e, por isso, era uma criança *buteada*. Assim, ou seria uma pessoa especial ou sofreria de atraso mental.

Ainda eu bebê, era magrinha e frágil. Um dia escapei dos braços da minha mãe e rolei pela escada de serviço, que tinha uns trinta degraus em cimento. Ela ficou paralisada a gritar: *A minha filha morreu!* Vieram ter dela e encontraram-me no último degrau com um sorriso no

rosto. Posteriormente era para eu morrer, pois tive uma doença que me tirou toda a vontade de comer. Pacientemente a minha mãe obrigava-me a comer enquanto eu lhe pedia que parasse, pois só tinha uma boca e precisava dela para falar e cantar. Quando toda a gente me dava por morta eu sobrevivi e até hoje cá estou neste planeta Terra. Mas foi uma infância feliz, cheia de brincadeiras ao ar livre.

Do lado materno a minha família é de origem judaica, de um certo Isaac Benrós que no Século XIX veio de Marrocos para Cabo Verde, passando por Gibraltar. Do casamento de Isaac Benrós com Gertrudes Felicidade Silva, de origem europeia, veio uma descendência que chegou à minha mãe Eufémia Filipa Benrós de Melo Duarte. Esta ascendência determinou o meu porvir, mas sobretudo marcou a minha infância. A minha família materna era anticlerical e por isso os meus pais não se casaram pela Igreja Católica, maioritária no arquipélago e nenhum dos seus filhos foi batizado e nem frequentou a igreja matriz que, por coincidência curiosa, ficava na nossa rua, em cuja *Praçinha de Igreja* muitas vezes íamos brincar e éramos mimados pelo poeta Jorge Barbosa.

O meu pai, Domingos António Duarte, que fora ajudante de sacristão na sua ilha natal de São Nicolau, ao casar-se com a minha mãe, passou a frequentar a Igreja Nazareno e nós, as crianças, íamos à igreja dominical. Ali comecei a experimentar o gosto pela poesia, pois não só aprendi a dizer poemas que declamávamos nas festividades natalícias, como também éramos estimuladas a escrever poemas.

Aos sete anos tive a minha primeira participação pública, ao declamar um poema durante a noite de Natal nas comemorações da Igreja Nazareno, em São Vicente.

Aos dez anos fui a única na minha sala de aulas a responder à pergunta da professora sobre o que queríamos ser quando fôssemos grandes, e eu disse “advogada”, acredito que sem saber bem o que isso significava.

Aos catorze anos pertenci à primeira classe de ginástica feminina a ter lugar no Liceu Gil Eanes -e talvez em todo o Cabo Verde-, orientada pela professora Norma Miranda, jovem alemã casada com o cabo-verdiano Rui Miranda, que nos transmitiu muitas ideias em prol da emancipação da mulher.

Aos quinze anos fui escolhida para fazer a intervenção de encerramento do 2º ciclo -5º ano dos liceus-, que até hoje guardo.

Ainda aos quinze anos fui para Portugal fazer o 6º e o 7º ano dos liceus, para poder ingressar no curso de Direito, pois no Liceu Gil Eanes nesse ano não havia candidaturas

suficientes para alínea e). Em vez de mudar para um curso de Línguas, sociologia ou História como seria natural eu preservarei na minha escolha do Direito e os meus pais tiveram de me mandar estudar em Lisboa.

3.

GP: Como é ser escritora em Cabo Verde?

VD: Hoje já começa a ser encarado com normalidade e somos acolhidas com muita consideração e por vezes até com reverência.

Mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo a invisibilidade foi total e isto chegou quase até nós. Eu diria que fomos nós as escritoras contemporâneas, com o apoio de alguns investigadores, que começamos a mudar tal situação lutando contra o memoricídio a que as escritoras antes estavam voltadas, a falar delas a garimpar o terreno descobrindo novos nomes e trazendo-as para o convívio literário. Até há pouco tempo qualquer antologia de escritores cabo-verdianos só mencionava homens e ainda há escassos 3 anos uma antologia de poesia cabo-verdiana só trouxe homens.

Agora e muito fruto das nossas contestações a situação começa a mudar. Mas continuamos de peito aberto na luta contra os resquícios do passado.

Acrescentaria que o facto de eu ser uma pessoa entre dois mundos, um que se prende ao país colonizador e outro que é o resultado da miscigenação entre o colonizador e os povos africanos escravizados, cria em mim uma certa tensão existencial, que acredito se reflete na minha escrita. Como também, por algum tempo, o facto de eu escrever quase exclusivamente em língua portuguesa fazia-me sentir algum desconforto em relação a minha língua identitária que é a língua cabo-verdiana. Mas o facto de no momento das conversações para a independência a potência antes colonizadora - Portugal graças a Revolução dos Cravos ter-se tornado num país democrático anti-imperialista e anticolonialista e os Combatentes pela Liberdade da Pátria terem adotado a língua portuguesa como língua oficial, apaziguou esse sentimento de aparente desconforto.

4.

GP: Você poderia falar de seu processo recente como leitora e escritora? O que você tem lido, e o que tem estimulado sua reflexão?

VD: No passado li imenso, mas recentemente a minha visão já não me permite ler tanto como gostaria. Contudo vou sempre lendo autores africanos como Mia Couto, Agualusa, Ana Mafalda Leite ou Wole Soyinka, alguns brasileiros como Conceição Evaristo ou Clarice Lispector, portugueses como Luís Filipe Sarmiento ou Lídia Jorge, algumas traduções e os nossos caboverdianos.

Mas o que tem estimulado a minha reflexão e escrita é muito do que se passa no mundo. Como costumo dizer depois que me aposentei a escrita tornou-se na minha primeira pele e os direitos humanos a segunda. Assim é todo esse mundo de desigualdades várias, baseados na cor da pele, nas posses, no gênero, que provocam minha reflexão e me inspiram. Temas como os crimes raciais de que foram vítimas pessoas como George Floyd, Giovanni ou Marielle, estão sempre presentes no meu espírito bem como os dramas dos imigrantes clandestinos, refugiados, as guerras, a corrupção tentacular que perpassa por África e pelo mundo, as elites predadoras que sugam as riquezas de seus países. São essas as minhas obsessões e elas têm o poder imperativo das obsessões. Provocam-me noturnos pesadelos e madrugadas insones. O remédio e catartizar na folha de papel a inquietação que assola a minha alma. Na esperança talvez pueril que a minha voz consiga ajudar a mudar o rumo de tantos atentados à dignidade humana. Também a contemplação do belo, da natureza e o amor, sempre o amor e a paixão, constituem a matéria incandescente da minha escrita.

5.

GP: Mia Couto disse em uma entrevista que "a forma como os africanos celebram a alegria de viver é uma coisa importante de aprender". A sua escrita culmina nesse objetivo?

VD: Muito, muitíssimo! Eu diria que há em mim quase que uma pulsão para a alegria e a felicidade, para sempre encontrar o sorriso para lá da dor! Muitas vezes isto é absolutamente utópico, mas é a utopia que me move. Considero Mia Couto um pensador extraordinário que muito admiro...

6.

GP: A literatura é a manifestação dos anseios, sentimentos e expressões do artista pautados na realidade, na sociedade e no contexto histórico em que vive. A literatura é libertária. Podemos dizer que nos "salva"?

VD: Costumo muito citar o saudoso poeta Mário Fonseca que gostava de dizer que no atual estádio da humanidade ou nos salvamos todos ou todos soçobramos, para evidenciar a eminente unidade da aventura humana. Para mim essa salvação veio sempre através da escrita. Por motivos profissionais enquanto magistrada também de ativismo ligado aos direitos humanos acabei por assistir a imensas situações de grande miséria humana.

E apenas a atividade catártica que pude sempre fazer através da escrita me salvou de mim própria, de cair em depressão ou no mais profundo e estéril niilismo. Por todos ilustro o que digo com o livro de poemas *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* que decidi fazer exatamente quando fui visitar a ilha de Gorée no Senegal. Não pude visitar a Maison des Esclaves, pois fui acometida de um choro convulsivo à lembrança dos escravizados que deixaram a Porta do não retorno em direção às Américas e Europa.

Sem ter bem a consciência disso, sempre fui muito ligada à ideia expressa por Goethe de que “se a tua dor te dói demais faz dele um poema” e sempre consegui através da escrita fazer a catarse das dores e angústias que muitas situações me provocam.

Para mim a escrita criativa é sempre libertária e salvadora!

7.

GP: Como você definiria o papel do autor e do texto literário diante da pandemia mundial, na qual muitos países são governados por autoridades negacionistas e de que modo o Coronavírus afetou os escritores, em especial os cabo-verdianos?

VD: O ano de 2020 foi muito estranho e singular e está a continuar em 2021.

A começar, para o mal tivemos a pandemia do Covid 19. Para o mal porque efetivamente tem sido uma autêntica tragédia a perda de vidas humanas, o sofrimento imenso que se tem abatido sobre as famílias, as pessoas e as nações mais duramente atingidas por este flagelo e tudo o que ele tem provocado, seja em termos sociais, com o confinamento, seja em termos económicos com o fechamento de milhares de postos de trabalho, o empobrecimento e o

desemprego de largas camadas da população, além dos sofrimentos físicos e anímicos que a doença provoca.

Também, sem dúvida, por toda a angústia, a incerteza e a consciência clara que tenho enquanto ativista dos direitos humanos que é um período particularmente difícil para os mais desfavorecidos e mais carenciados, pois a maioria viu agravada as suas já difíceis condições de existência e sobrevivência. Nunca é demais destacar o aumento da precariedade em que emigrantes não documentados, refugiados, deslocados e outras populações, vítimas dos mais variados conflitos, passaram a viver.

Ainda o aumento exponencial de mortos que em todo o mundo a pandemia vem provocando é algo que nos causa uma profunda tristeza.

Pessoalmente eu senti mais o peso da pandemia na privação do convívio com familiares e amigos que ela acarretou. Também eu, que sobretudo por motivos literários, viajava para outros países agora só o faço através do contacto remoto que a internet proporciona.

Mas de todo o mal há sempre algo de positivo que acaba por relevar. E com a pandemia temos esse ativar ou reativar da reflexão sobre a vida no planeta terra, sobre as condições ambientais e sobre as desigualdades das condições económicas e sociais em que vivem as pessoas e acredito assim que dele partirá uma nova atitude para a humanidade do século XXI, vis-à-vis à sustentabilidade da vida na Terra, às desigualdades e a injustiça social.

Para além disso há os reflexos a nível individual e devo dizer que as pessoas obrigadas ao confinamento ou têm atitudes de negação e caem em depressão ou enfrentam com positivismo.

Eu, tal como muita gente, decidi enfrentar com serenidade este confinamento necessário para combater o vírus e fiz deste período um momento muito fecundo em termos de produção literária.

Isto porque a escrita tem sido sempre a minha salvação e é através dela que ao longo dos anos 2020 e 2021 fui dialogando com os meus ausentes, sejam eles familiares, amigos, leitores ou simplesmente com cidadãos e gente do mundo inteiro, sobretudo daqueles com quem partilho a língua portuguesa.

Quanto aos demais escritores cabo-verdianos não posso me pronunciar mas tenho a impressão que muitos tem continuado a escrever.

Para os governantes negacionistas há só uma palavra TRIBUNAL por crime contra a humanidade.

8.

GP: Maria Raquel Álvares no texto “Pontes atlânticas: Vera Duarte, a reinvenção do mar e Maria Teresa Horta, Estranhezas – voo, “asa” e reflexões” afirma que na sua poesia existe um sentimento coletivo de abertura a temáticas que você compartilha, fundamentadas em aspectos da insularidade e da multiculturalidade, entre outros, cujo referencial principal é o de desejo de liberdade. Ser livre é uma eterna busca da humanidade?

VD: Acredito que ser livre e feliz são as grandes aspirações de ser humano! É claro que as palavras têm o conteúdo que cada um lhes empresta mas há um sentimento comum entre os homens de boa vontade que nos une na essencialidade destes dois conceitos.

Eu sou um ser essencialmente gregário e só consigo ser feliz na base da trilogia de Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Por outro lado não sou do tipo de pessoa que reclama mas fica parada a ver a banda passar. Eu acredito nos meus ideais e parto para a luta à procura da sua materialização. A literatura tem sido para mim também uma arma de combate em prol das causas em que acredito.

E por todos os meios que me forem possíveis lutarei pela liberdade que considero um bem sagrado! Ser culto é a única forma de ser livre como dizia o poeta e pensador cubano José Martí.

E com o poeta Ovídeo Martins sempre direi:

O único impossível

Mordaças...A um poeta?
Loucura!

E por que não,
Fechar na mão uma estrela.
O Universo num dedal?

Era mais fácil
Engolir o mar
Extinguir o brilho aos astros

Mordaças a um poeta?
Absurdo!

E por que não
Parar o vento
Travar todo o movimento?

Era mais fácil deslocar montanhas com uma flor
Desviar cursos de água com um sorriso

Mordaças!
A um poeta?
Não me façam rir!...

Experimentem primeiro
Deixar de respirar
Ou rimar...mordaças
Com liberdade

9.

GP: A pandemia obrigou-nos a estarmos ilhados, fechados uns dos outros, como é conseguir ultrapassar essa dificuldade espacial?

VD: Tornei-me uma especialista em lives (risos) ou seja passei a fazer muitos vídeos e conferências remotas a convite das mais diversas entidades como universidades brasileiras e outras, organizações de escritores de vários países como o Brasil, Portugal, França, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Bangladesh, Inglaterra, Luxemburgo, Estados Unidos e etc..

10.

GP: No ano passado você lançou o seu primeiro livro de contos, percebemos uma certa predileção de algumas escritoras como Clarice Lispector ou Fátima Bettencourt para a escrita de narrativas curtas. O que você achou dessa experiência?

VD: Amei demais! Os contos permitiram-me abordar temas que me vinham afligindo há algum tempo. Usando alegorias e metáforas e recorrendo ao realismo mágico que me fascina pude tratar esses temas. Em romance levaria muito mais tempo e exigiria maior disponibilidade. Como digo na contracapa dos Contos Crepusculares “Os últimos anos tem sido brutais em ocorrências de feminicídio, pedofilia, misoginia e outros. Escrevo para resistir, denunciar, subverter e sobretudo ajudar a mudar. Confesso que alguns destes contos foram escritos num

ápice de revolta e mágoa desejando ardentemente que os culpados sejam punidos bem ao estilo de Crime e Castigo, mas sempre com um toque do realismo mágico que me fascina”.

Claro que quando escrevo refiro-me a muitos mundos e nem sequer apenas aos lusófonos...

Mas amei a experiência e de tal forma que parti para uma experiência ainda mais radical, os microcontos que escrevi integralmente em tempos de pandemia.

Neste momento tenho em edição na Bahia, Brasil um livro com 55 microcontos que me foram muito suscitados por acontecimentos ocorridos durante a pandemia.

11.

GP: A sua premiada trajetória, além do conto e do romance, já percorreu os caminhos da poesia e da crônica, com traduções para outros países. Como é ter esse talento múltiplo para a palavra?

VD: Acho que é uma bênção dos deuses, que eu recebo com muita gratidão e alegria. Mas atenção é algo que exige muito de mim. Deus diz “põe a mão que eu te ajudarei” eu ponho a mão com o meu trabalho e dedicação. Mas o que me faz escrever é a necessidade de cumplicizar com os outros aquilo que eu gostaria que fosse o mundo. For por isso fico feliz quando a minha escrita é reconhecida além-fronteiras pois isto quer dizer que a mensagem chega cada vez mais longe. Acho a escrita uma missão sagrada e a forma como supostamente se pode chegar a toda a humanidade.

12.

GP: Em seus romances, você demonstra uma grande admiração por Amílcar Cabral que foi o "pai" da independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde contra o colonialismo português. Como escritora e jurista, você acha que a ideologia tão defendida por Amílcar Cabral ainda ecoa nas mentes dos cabo-verdianos? O que restou desse sonho africano de liberdade e igualdade, tão defendido por ele, para as juventudes cabo-verdiana e guineense, no século XXI?

VD: Tenho uma admiração extrema por Amílcar Cabral e uma imensa gratidão e por tudo o que ele disse em relação às mulheres. Quando ainda nem havia a convenção para a eliminação

de todas as formas de discriminação contra as mulheres já Cabral falava nas Matas da Guiné-Bissau na dignidade das mulheres.

Eu imagino sempre com muita ternura a cena de Cabral a dirigir-se aos guerrilheiros, na sua maioria animistas e crentes na inferioridade das mulheres, dizendo-lhe que as mulheres eram seres humanos iguais e que eles deveriam tratá-las com respeito e dignidade.

O seu sonho de liberdade e igualdade levou-o a enfrentar uma luta armada contra o colonialismo e imperialismo. Por esse sonho se sacrificou.

Falando por Cabo Verde acredito que se tem procurado materializar muito do que Cabral sonhou e lutou por. Veja-se as crianças que ele chamou de “flores da nossa revolução” e hoje a situação das crianças em Cabo verde é completamente diferente, para melhor.

Também as mulheres já fizeram um longo percurso ascendente em termos de direitos e oportunidades e em 2019 foi aprovada a Lei da Paridade que impõe a presença de ambos os sexos nos lugares de decisão, numa percentagem de 40% a 60%.

Destaco ainda o caso das barragens sonhadas por Cabral e que começaram a ser construídas nos governos de José Maria Neves.

Considero que Amílcar Cabral está mesmo um pouco esquecido entre os jovens mas nós estamos aqui de pés fincados para lembrar e honrar a sua memória.

13.

GP: Durante o período pré-independência, o índice de analfabetismo era extremamente alto entre os colonizados, principalmente, entre as mulheres. O cenário vivido por elas era de submissão e muitas sustentavam a casa e os filhos sozinhas. Nas suas obras, as personagens femininas sempre quebram o paradigma da subjugação masculina e são mulheres independentes que lutam pelos seus ideais. Esta é uma maneira de mostrar ao mundo as vitórias alcançadas pelas mulheres africanas das ex-colônias portuguesas que cresceram em uma sociedade na qual eram subjugadas e exploradas?

VD: Sem dúvida e referindo essencialmente ao processo ocorrido com as mulheres caboverdianas, tendo começado lá atrás com Amílcar Cabral na década de 60 do século XX, hoje as mudanças ocorridas são verdadeiramente radicais. Elas percorreram um longo caminho semeado de sangue suor e lágrimas. Atualmente estão travando um combate contra o memoricídio, procurando dar visibilidade a sua participação ao longo da história.

As minhas personagens visam ajudar nessa mudança tirando-as da condição de vítimas e conferindo-lhes o estatuto de um ser humano *à part entière*.

14.

GP: As suas obras são reconhecidas por diversos teóricos por contribuírem para o enriquecimento dos estudos comparados de língua portuguesa, já que tratam de questões importantes para a contemporaneidade, ao romperem com modelos literários vigentes. Por abordar esses e outros pontos, você acredita que as suas produções literárias possam contribuir para mudar concepções sociais de cunho eurocêntrico?

VD: Acredito! Tenho uma fé inabalável nesse novo conceito de literatura mundo que retira os holofotes de alguns quantos nomes sobretudo de homens, brancos, eruditos e de países de maior poder, para dar lugar também a escrita dita “das margens” ou “das periferia” que vem sendo feita por outros escritores como mulheres, africanos, negros, asiáticos e as mais diversas minorias que habitam o planeta terra.

Sou ilha e sou cosmo!

15.

GP: Como tem sido a rotina de escrita durante a quarentena? A pandemia afetou, de algum modo, as obras em andamento?

VD: No essencial não afetou. Até tive mais tempo para escrever. Mas por vez influenciou de forma decisiva nos temas abordados.

Praia, 13 de maio de 2021.